

VIDA E EDUCAÇÃO: UM GUIA PRÁTICO QUE CONDUZ À REFLEXÃO

Hercília Maria Fernandes¹

RESUMO

O artigo constitui uma análise do livro *Vida e educação no Jardim de Infância*, de autoria da professora e escritora de literatura pedagógica Heloísa Marinho (1903-1994). O objetivo do estudo consiste em refletir os modos de ensinar e educar propostos pela autora à educação da criança no Jardim de Infância, em observância às ideias defendidas por John Dewey e outros educadores da chamada pedagogia nova. A partir da noção teórico-metodológica de forma escolar, o trabalho articula-se aos estudos da história da educação, com ênfase na formação de professores e manuais pedagógicos. Dessa forma, concentra-se no exame da proposta curricular de Heloísa Marinho em relação ao programa pré-escolar. Ao realizar esse debate, considera que a autora, orientada por pressupostos deweyanos, expressa um conjunto de saberes autorizados destinados à reflexão e à prática docente, visando que a atividade criadora da infância consista o fundamento da vida escolar guiada pela própria vida da criança.

Palavras-chave: Vida e Educação, Heloísa Marinho, Manuais pedagógicos, Saberes autorizados, Formação docente.

INTRODUÇÃO

A pesquisadora e educadora Heloísa Marinho (1903-1994) foi uma das vozes mais atuantes, no século vinte, em defesa da educação pré-primária no Brasil. Além da expressiva produção literária, a professora Heloísa Marinho “[...] planejou, organizou, estruturou e coordenou [...] cursos de formação de professores” (LEITE FILHO, 2011, p. 80).

Heloísa Marinho iniciou a sua formação docente em 1922, no Curso Normal de Formação da Professora Primária do Colégio Bennett. Após se formar professora primária, em 1923, prossegue os estudos nos Estados Unidos. Na Universidade de Chicago, estabelece contato com as ideias de John Dewey. Ao regressar ao Brasil, torna-se assistente do professor Lourenço Filho. No Instituto de Educação do Rio de Janeiro, estabelece inúmeras relações com o seletivo grupo de reformadores da educação nacional. Automeava-se discípula de Lourenço Filho, mas também de Anísio Teixeira e fez-se conhecer por Fernando de Azevedo (LEITE FILHO, 2011).

Em 1952, Heloísa Marinho é nomeada Membro da Comissão, pelo Departamento de Educação, para elaborar e publicar um “Programa Guia de Educação Pré-Primária” para a

¹ Doutora e Mestre em Educação, na linha de pesquisa História da Educação (PPGED/UFRN). Professora Adjunta da Universidade Federal de Campina Grande, lotada na Unidade Acadêmica de Educação do Centro de Formação de Professores (UFCG/CFP/UAE), Cajazeiras-PB. E-mail: fernandshercilia@hotmail.com.

Secretaria Geral de Educação e Cultura do Rio de Janeiro. O “guia”, produzido e publicado pela editora Noite, recebeu o nome *Vida e educação no jardim de infância*; tendo sido revisado, ampliado e republicado, posteriormente, pela editora Conquista, como livro de Heloísa Marinho.

Em *Vida e educação no Jardim de Infância*, obra que alcançou três edições (1952, 1960 e 1967), Heloísa Marinho se inspira no título da obra de John Dewey (1978), para evidenciar a direção filosófico-pedagógica de sua proposta educativa destinada aos Jardins de Infância do Rio de Janeiro; que fundamenta-se, notadamente, em duas bases conceituais: de um lado, as ideias de Friedrich Froebel; e, de outro, as de John Dewey.

A terceira edição do livro (1967), que contém “introdução” do professor Lourenço Filho, é resultado de uma história que convém ser mencionada. Sendo decorrente de uma iniciativa “[...] que vem sofrendo modificações, acréscimos e supressões; que adquiriu nova estrutura e novos conceitos, que se enriqueceu de novos exemplos e novas ilustrações [...]” (SIQUEIRA, 1967, p. 7). Assim, essa edição do livro resulta, conforme palavras de Heloísa Marinho, “[...] de 18 anos de trabalho nos Cursos de Especialização em Educação Pré-Primária do Instituto de Educação do Estado da Guanabara”. A boa receptividade da obra haveria promovido a sua terceira edição, que se se devia, especialmente, às “[...] alunas-mestra do Curso que levaram *Vida e educação* a numerosos jardins de infância e número crescente de turmas iniciais da escola primária” (MARINHO, 1967, p. 17).

Nesse sentido, segundo defende Fernandes (2018), a partir do entendimento histórico proposto por Carvalho (2000), a formação docente, no Brasil, durante a primeira metade do século vinte, foi orientada por um conjunto de “saberes autorizados” associados a estudos e práticas experimentais difundidos em cursos de capacitação do magistério Normal e manuais pedagógicos escolanovistas, visando transformar a mentalidade dos professores e as práticas escolares brasileiras a partir das teorias e métodos das Ciências da Educação.

Nessa linha de entendimento, os princípios educativos postulados por John Dewey, assim como Friedrich Froebel, Maria Montessori e Jean-Óvide Decroly, entre outros estudiosos considerados da pedagogia nova, constituíram o corpo de conhecimentos propagado pela professora especialista em educação pré-primária Heloísa Marinho, em publicações elaboradas de conformidade aos “estudos objetivos da criança” (TEIXEIRA, 2007), desenvolvidos no Instituto de Educação do Rio de Janeiro (MARINHO, 1967, 1980).

Essas obras, entre as quais se destaca o livro em análise, foram produzidas em práticas efetivadas nas Escolas Laboratórios e em Cursos de Especialização de professores pré-primários, de onde se originaram currículos e programas de atividades, que nortearam a

organização institucional e pedagógica dos Jardins de Infância e escolas primárias brasileiras durante o século vinte (FERNANDES, 2018). Nesse sentido, a proposta pedagógica de Heloísa Marinho, que corresponde ao “Currículo por atividades”, seria resultante de “vinte e seis anos” de trabalho junto à capacitação de “[...] cerca de mil professoras públicas”, em que se almejou “[...] instituir o currículo por atividades na educação pré-escolar e na habilitação em serviço do magistério” (MARINHO, 1980, p. 163).

Tendo em vista a discussão inicial, o trabalho objetiva refletir os modos de ensinar e educar propostos por Heloísa Marinho no livro *Vida e educação no jardim de infância*, em observância às ideias defendidas por John Dewey e outros estudiosos da chamada pedagogia nova. Orientado na noção teórico-metodológica de “forma escolar” (VINCENT; LAHIRE; THIN, 2001), o estudo articula-se à história da educação, com ênfase na formação de professores e manuais pedagógicos. Dessa forma, concentra-se no exame da proposta curricular de Heloísa Marinho em relação ao programa pré-escolar. Ao realizar esse debate, considera que a autora, orientada por pressupostos deweyanos, expressa um conjunto de saberes autorizados destinados à reflexão e à prática docente, visando que a atividade criadora da infância consista o fundamento da vida escolar guiada pela própria vida da criança.

METODOLOGIA

Valdemarin (2010), propondo uma análise dos manuais pedagógicos escolanovistas do século vinte, ressalta que os autores desse tipo de impresso qualificam-se a partir do exercício da experiência no magistério, da ocupação de cargos na hierarquia escolar e da própria produção bibliográfica com as quais angariam posições na conjuntura de interferir no sistema. Para essa pesquisadora, a experiência pedagógica dos autores é sempre explicitada “[...] como justificativa para elaboração desses livros, assim como os exemplos de atividades transcritas e, obviamente, o conhecimento do autor sobre elas” (VALDEMARIN, 2010, p. 129).

Por meio dos manuais, os autores expõem uma apropriação criativa, discursiva e instrumental das teorias estratégica e metodicamente difundidas. Com essa atitude, “[...] criam uma rede de relações significativas” (VALDEMARIN, 2010, p. 130), onde são fabricados novos sentidos; especialmente quando fornecem aos professores “[...] um sentido de continuidade entre o que já fazem e as inovações pretendidas, sem ameaçá-los com a necessidade de ruptura” (VALDEMARIN, 2010, p. 130).

As análises feitas por Valdemarin (2010) podem ser observadas na literatura pedagógica da professora Heloísa Marinho. Seus livros podem ser considerados, segundo reflete Leite Filho (2008, p. 111), “[...] como a materialização da expressão do pensamento da

pedagogia ou pedagogias sugeridas à época para as crianças pequenas”. Em suas obras, além da “triade” do desenvolvimento natural infantil (coração, mente e mão), fundamento da pedagogia pestalozziana e froebeliana, a autora agrega novos elementos às atividades das crianças, de conformidade às noções de interesse e necessidades infantis; recomendando uma reorganização do ambiente escolar e das atividades mediante o respeito às aptidões e diferenças individuais, e a integração social das crianças à vida comunitária.

Desse modo, *Vida e educação no Jardim de infância*, assim como outros livros da autora, pode ser concebido como um conjunto de “saberes autorizados”. A autorização dos saberes se associa, além dos dispositivos especificados por Valdemarin (2010), à legitimidade dos resultados obtidos em práticas experimentais, que eram detalhados nas próprias publicações, e, igualmente, pelo reconhecimento de educadores renomados, a exemplo dos reformadores Anísio Teixeira (1955) e Lourenço Filho (1967), que atestavam a notoriedade dessas propostas em escritas de prefácios e publicações análogas.

Sendo assim, o livro de Heloísa Marinho pode ser visto como “[...] saberes escriturais formalizados, saberes objetivados, delimitados, codificados, concernentes tanto ao que é ensinado como à maneira de ensinar, tanto às práticas dos alunos, quanto às práticas dos mestres” (VINCENT; LAHIRE; THIN, 2001, p. 28). Ou seja, podem ser considerados como saberes de uma forma e um modo escolar de socialização articulados a finalidades notadamente políticas (VINCENT; LAHIRE; THIN, 2001).

Em face ao exposto, a análise do livro *Vida e educação no jardim de infância*, de Heloísa Marinho (1967), buscando compreender os modos de ensinar e educar formalizados à reflexão e à prática docente, se concentra nos saberes autorizados voltados à organização institucional e pedagógica das atividades escolares dos Jardins de infância e escolas infantis brasileiras. Para tal feito, além do exame da obra em análise, a metodologia envolve o estudo de outros manuais pedagógicos de sua autoria, entre eles *Currículo por atividades: jardim de infância e escolas de 1º Grau* (MARINHO, 1980).

OS MODOS DE ENSINAR E EDUCAR EM “VIDA E EDUCAÇÃO NO JARDIM DE INFÂNCIA”

Sendo concebido um “livro básico” à biblioteca de educadores (LOURENÇO FILHO, 1967), *Vida e educação no jardim de infância* está organizado mediante quatro blocos temáticos centrais: “Vida e educação”, “Vida e saúde”, “Vida e linguagem” e “Vida social”; compreendendo temas relativos à finalidade da educação pré-primária e do Jardim de

Infância, à criança e à organização de um Jardim, ao currículo, à formação da professora, à seleção e organização das atividades etc.

Para Lourenço Filho (1967, p. 13), a obra põe em evidência “[...] a importância das situações naturais na *vida das crianças*”, e, dessa forma, “[...] das *oportunidades* que o Jardim de Infância [...] deverá oferecer-lhes, para que o comportamento infantil possa, em suas fases sucessivas, bem *integrar-se*” (LOURENÇO FILHO, 1967, p. 13, grifos nossos). Pela estrutura organizacional do livro, convém refletir o conceito de “vida” expresso pela autora.

Em *A escola e a sociedade. A criança e o currículo* (2002), John Dewey analisa “[...] a relação entre a vida e o desenvolvimento da criança na escola, por um lado, e a própria escola, por outro” (DEWEY, 2002, p. 37). Para Dewey, a escola que permitiria às crianças “viver” e “viver inteligentemente” corresponderia a um “[...] lar ideal, onde o pai é suficientemente inteligente para reconhecer o que é melhor para a criança”, em que “[...] a criança aprende através do intercâmbio social no seio da estrutura familiar” (DEWEY, 2002, p. 40).

É no âmbito familiar, segundo Dewey (2002), que as vivências das crianças ganham “interesse e valor”, onde a criança aprende continuamente ao relatar suas experiências e concepções errôneas, que são corrigidas. De forma análoga à compreensão de Froebel (1897), cuja organização e vivências familiares promoveriam a primeira noção de comunidade por parte da criança, Dewey defende que a participação das crianças em “ocupações domésticas” possibilita a aprendizagem e a apreensão de “[...] hábitos de diligência, ordem e respeito pelas ideias e direitos dos outros, bem como o hábito fundamental de subordinar as suas atividades aos interesses gerais do agregado familiar” (DEWEY, 2002, p. 40).

As atividades domésticas se converteriam, assim, “[...] numa possibilidade de adquirir novos conhecimentos” (DEWEY, 2002, p. 41). Dessa forma, a “nova educação” exigia que a escola correspondesse a um “lar ideal”, que teria “[...] uma oficina, onde a criança poderia dar largas aos seus instintos construtivos”, sendo dotada, igualmente, de “[...] um pequeno laboratório, onde as suas investigações seriam executadas sob a supervisão dos pais”. Sendo essa escola um “lar ideal”, a vida das crianças se estenderia para “[...] fora de portas, para o jardim, os campos e florestas circundantes”. Nesse lar ideal, as crianças teriam “[...] direito às suas excursões, aos longos passeios em que se conversa serenamente, permitindo que o vasto mundo exterior lhe abra as suas portas” (DEWEY, 2002, p. 41).

De acordo com Dewey, se a educação da primeira infância fosse organizada e generalizada mediante o modelo de organização familiar, como defendeu Froebel no século dezenove (1897), se chegaria à obtenção de uma “escola ideal”. Para concretização desse projeto, bastaria organizar “sistematicamente” e de uma forma “[...] ampla, inteligente e

competente aquilo que, por várias razões, na maioria dos lares só pode ser feito de uma maneira comparativamente mais pobre e ocasional” (DEWEY, 2002, p. 41).

Em *Vida e educação no jardim de infância*, a professora Heloísa Marinho demonstra compartilhar as concepções expressas por John Dewey, no sentido de a escola infantil tornar-se expressão de uma “pequena sociedade”, onde não há distanciamento entre a vida da criança e a sua vida escolar. A vida da criança deve ser o eixo central das atividades, visto que a “[...] experiência social precede a formação de conceitos intelectuais” (MARINHO, 1967, p. 33). Sendo o desenvolvimento infantil uma progressão natural, caracterizada pelas particularidades do crescimento físico e da evolução mental e social, todos “[...] os aspectos desta aprendizagem se agrupam em situações de vida” (MARINHO, 1967, p. 31).

Levando em conta as reflexões teóricas propostas pela autora, que possibilitam, segundo Lourenço Filho (1967, p. 14), um entendimento de que a educação da primeira infância “[...] deve apoiar-se num conhecimento menos imperfeito das condições naturais do desenvolvimento e das formas de ajustamento das crianças pequeninas”, considera-se que a obra não foi elaborada mediante as mesmas intenções e regras das Revistas e manuais pedagógicos difundidos no final do século dezanove e início do século vinte, entre os quais se destaca a *Revista do Jardim da Infância* (1896-1897), da Escola Normal Caetano de Campos.

Constituindo, porém, um “[...] guia prático que conduz à reflexão” (LOURENÇO FILHO, 1967, p. 15), o livro assume, igualmente, uma finalidade utilitária ao explicitar quais modos de ensinar e educar estariam coerentes a uma orientação educativa fundamentada na espontaneidade da evolução natural da criança. Na obra, Heloísa Marinho articula reflexões teóricas a exemplificações práticas, evidenciando como organizar o espaço, a sala de aula, o horário, as atividades, o currículo etc. em observância à atividade criadora das crianças.

Ao propor reflexões e exemplificações práticas, se aproxima das concepções de Friedrich Froebel (1897), mas se distancia do modelo pedagógico do *Kindergarten* tradicional, na medida em que vislumbra uma sala de aula em que sejam dadas às crianças condições para escolher as próprias vivências; conforme ilustra no seguinte cenário:

Em ampla sala encontram os pequenos tintas coloridas, papéis de variados matizes, tesouras, o canto da boneca, os carros, os jogos de construção. No início do dia a roda de crianças conversa com a mestra [...]. Uns viram na praia os navios; outros foram às festas de aniversário. Na mesa da pintura a dedos, mãos pequeninas espriam a tinta macia sobre o papel molhado. [...] Cada criança realiza a aprendizagem a seu modo: umas apenas rabiscam, outras desenham cenas. Todos têm o direito de progredir, de viver a sua própria vida, dentro da *pequena sociedade* do Jardim (MARINHO, 1967, p. 43, grifos nossos).

Ao se aproximar do conceito de “experiência” deweyano, a autora alega que não “[...] é possível traçar normas rígidas de um programa pré-escolar [...]”; pois o “[...] desenvolvimento é criador” e a “[...] criança conquista seu mundo pela experiência própria” (MARINHO, 1967, p. 31). O currículo do Jardim deveria ser norteado por “vivências” e não por aulas ministradas mecanicamente. O programa do Jardim deveria abranger, assim, “[...] situações naturais da vida semelhantes ao ambiente familiar” (MARINHO, 1967, p. 31).

Tendo como guias as experiências vivenciadas no seio da família, o currículo do Jardim de Infância deveria incluir os seguintes eixos: i) a saúde; ii) a vida social; iii) o prazer da música; iv) o trabalho criador das artes plásticas; v) o convívio com a natureza e o mundo variado das coisas; vi) a observação e o comentário espontâneo da experiência; vii) a fantasia no reino encantado das estórias; e, viii) a formação de hábitos indispensáveis à vida. As atividades a serem planejadas e executadas pela educadora deveriam, dessa forma, se guiar nos seguintes princípios: nas aptidões próprias; no brincar espontâneo; na liberdade de escolha do material; e, no convívio com a natureza (MARINHO, 1967, p. 48-49).

Para Heloísa Marinho, as atividades espontâneas deveriam ocupar a maior parte do tempo escolar. Porém, o “horário” de algumas atividades deveria “[...] ser *fixo*, facilitando a formação de hábitos” (MARINHO, 1967, p. 53, grifo nosso). Nesse sentido, “canções” e “sinais dados” com o auxílio de instrumentos musicais auxiliariam “[...] a professora a lembrar à criança que delas se espera”, podendo um “[...] horário ilustrado pela criança com desenhos ou pinturas espontâneas” servir “[...] a esse mesmo fim” (MARINHO, 1967, p. 53).

A organização do ambiente e do material educativo assume grande valor na pedagogia da infância de Heloísa Marinho. Antes da chegada das crianças, a professora deveria verificar “[...] a limpeza da sala e das instalações sanitárias, e a condição do material necessário ao trabalho do dia”, de modo a estarem à disposição das crianças as diversas “técnicas de arte” (MARINHO, 1967, p. 54). Feitas a preparação, seleção e disposição do material, a educadora deveria sentar as crianças no assoalho, distribuindo-as em semicírculo; posto que a disposição das crianças no chão “[...] poupa tempo, e aproxima o grupo” (MARINHO, 1967, p. 55).

Após a canção de “boas vindas”, “leitura do calendário” e “observação do tempo”, atividades correspondentes a um programa escolar decrolyano (HAMAIDE, 1934), a professora daria processo a uma “conversa inicial”, em que as crianças “[...] fazem planos para as atividades do Jardim” (MARINHO, 1967, p. 56). A educadora incentivaria, dessa forma, a apreensão e aprendizagem dos seguintes hábitos: ouvir com atenção quando outros falam; falar de modo a ser ouvido e não gritar. Para tal feito, o uso da voz “suave” da professora seria o melhor modo de fazer a criança desenvolver o mesmo hábito.

Terminada a conversa inicial, a professora auxiliaria, então, a distribuição das crianças em várias atividades de “livre escolha”. Esses modos de ensinar e educar foram explicitados em o capítulo “A professora”. Nessa parte, a autora segue a forma literária de “conto”, adotada em outros capítulos. Através de um cenário fictício, descreve como a sua “jardineira especialista”, então nomeada “D. Maria”, desenvolve as ações diárias em seu Jardim “ideal”.

No tocante à “hora chegada”:

Manhã no Jardim de Infância, D. Maria, a professora, chega cedo. Abre as janelas e os armários, verifica a limpeza da sala [...]. Chegam as primeiras crianças. Joaquina, compenetrada, quer levar numa das mãos as flores, e na outra o vaso para enchê-lo d’água. A professora sugere: “Joaquina deixe as flores sobre a mesa e vá buscar água na bica do Jardim”. Apesar de seus cinco anos, a menina ainda não controla bem os movimentos. D. Maria lembra: “Joaquina, segure o vaso com as suas mãos” [...] (MARINHO, 1967, p. 65).

À “conversa inicial”:

À medida que chegam, as crianças sentam-se no chão, perto da professora. Todos ouvem atentos as novidades. Vera trouxe conchas para o museu. [...] Juquinha entra falando alto: “O lotação deu uma ‘trombada’ no ônibus!” — “Juquinha, você pode falar baixo, estamos ouvindo bem” [...] (MARINHO, 1967, p. 65).

E prosseguem as conversações até que D. Maria indagaria as crianças sobre o “planejamento” do dia, direcionando a atenção às atividades espontâneas e livres:

— “O que vamos fazer hoje?”
— “Eu vou desenhar o lotação dando trombada no ônibus” [...].
Sem dizer nada, Olga levanta depressa e garante sua vez no cavalete de pintura. [...]. Ao seu lado Zilda e Manuel esperam... pedem, Olga não atende. Zilda perde a paciência e faz queixa à professora:
— “D. Maria, Olga não quer me deixar pintar”. [...].
Compreensiva, D. Maria dirige-se à Olga: “Sua pintura está bonita. Acabe de colorir o Jardim, e agora vá pregar seu trabalho no quadro de exposição” [...] (MARINHO, 1967, p. 66).

No momento em que a criança nomeada Olga, “[...] satisfeita com o reconhecimento da professora”, estivesse exibindo a sua pintura no “mostrador”, a jardineira-especialista deveria aproveitar para “[...] acomodar outra criança no cavalete” (MARINHO, 1967, p. 66). Ao retornar, Olga certamente demonstraria desapontamento, queixando-se à educadora. Essa situação deveria, porém, ser aproveitada no sentido de fazer a criança adquirir o hábito de dividir o material com os colegas, apreendendo noções de convivência social. Ao passo que teria seu interesse redimensionado à realização de outra atividade.

Na pedagogia científica de Maria Montessori, a organização do ambiente escolar contém relevante papel em face dos modos de ensinar e educar no Jardim de Infância. Em *Pedagogia científica: a descoberta da criança* (1965), Montessori defende a criação de um ambiente que permita “[...] a observação metódica do crescimento morfológico dos alunos”. Esse método da observação se basearia, unicamente, na “[...] liberdade de expressão que permite às crianças revelar-nos suas qualidades e necessidades” (MONTESSORI, 1965, p. 42). Propõe, então, um “padrão de mobília escolar”, composto por mesas, cadeiras, armários, pias, objetos didáticos sensoriais e da vida prática, proporcionais à fisiologia da criança e à sua necessidade de agir inteligentemente no ambiente. A função da “mestra”, nesse ambiente, se concentraria em preparar e orientar o uso específico dos materiais na sala de aula.

Coerente a essa orientação montessoriana, Heloísa Marinho adverte que, durante as atividades espontâneas, nem tudo iria “correr bem”... Dois meninos disputariam um “caminhão”, por exemplo, a ponto de quase arrancar-lhe as rodas. Nessa ocasião, D. Maria deveria controlar um “gesto de impaciência” e, com voz “carinhosa e firme”, ordenaria: “Meninos ponham o caminhão aqui”, apontando a um espaço próximo a uma pilha de blocos lógicos. Feita a recomendação, proporia: “Vamos encher este caminhão de tijolos para fazer o castelo que vocês começaram”. Acomodadas todas as crianças em suas ocupações livres, D. Maria aproveitaria, então, “[...] alguns minutos de sossego para *observar* seus 30 alunos, ocupados em variadas atividades espontâneas [...]” (MARINHO, 1967, p. 67, grifos nossos).

Após os cuidados higiênicos, merenda e descanso, a “[...] professora vigilante ajuda a formação de hábitos necessários à vida inteira”. Sendo assim, deveria solicitar a colaboração dos pais sempre que surgisse uma necessidade, como, por exemplo, quando “[...] a criança esquece o sabonete, ou não quer beber leite, a professora conversa com a mãe”. Assim, terminada a hora do repouso, as crianças seguiriam para suas casas. Mas ficaria “Verinha”... Aquela menina “[...] que gagueja um pouco e tem dificuldade em pronunciar o r”. D. Maria pediria, então, “[...] licença para mandar Verinha ao jardim regar as plantas”, enquanto “[...] ouviria paciente a mãe”. Nessa ocasião, solicitaria “[...] um pouco mais de atenção para a filha que está sentindo falta de carinho...” (MARINHO, 1967, p. 69).

Para que esses modos de ensinar e educar pudessem se desenvolver na escola infantil, Heloísa Marinho compreendia que a educação da professora não deveria haver fim. Para garantir a plena evolução das crianças, a educadora deveria assumir o papel de “orientadora” no processo educativo: observar, acompanhar, valorizar e estimular as experiências e expressões espontâneas das crianças. Nesse aspecto, Heloísa Marinho expressa uma

concepção de Jardineira como “especialista em desenvolvimento infantil”, tal qual Anísio Teixeira e Lourenço Filho expressaram em conferências e publicações (FERNANDES, 2018).

Nesse sentido, o Programa pré-escolar pensando por Heloísa Marinho à educação da primeira infância é o “Currículo por atividades”. Esse Currículo, sistematizado pela autora em *Vida e educação no jardim de infância* (1967), foi iniciado a partir de 1949, nos “[...] cursos de Especialização e Pedagogia Especial do Instituto de Educação”, com a colaboração de outros educadores e pesquisadores, entre os quais Lourenço Filho, visando formar “[...] professores para escolas maternais e Jardins de Infância [...]” (MARINHO, 1980, p. 163).

Essa programação curricular foi sendo implantada na educação pré-primária e primária brasileira, segundo Heloísa Marinho (1980), no curso de “vinte e seis anos”. Fundamentado no princípio de Froebel de a primeira educação abranger “[...] a união da criança e da família com a natureza”, e nas ideias e experiências desenvolvidas por Dewey na Escola Elementar da Universidade de Chicago, o Currículo por atividades guiou-se no entendimento de que todos “[...] os aspectos do currículo deverão assegurar a unidade da educação em todas as fases do desenvolvimento do educando e de sua integração na comunidade” (MARINHO, 1980, p. 92).

O Currículo por atividades proposto no livro *Vida e educação no jardim de infância*, desse modo, não subjugava o trabalho educativo da educação pré-primária ao programa da educação primária, baseado na aprendizagem da leitura e da escrita. Ao refletir os fatores que influenciam a promoção das crianças na primeira série, Heloísa Marinho adverte que “[...] sobressaem os da maturidade e os da experiência anterior” (MARINHO, 1967, p. 209). Apresentando os dados de uma pesquisa realizada com o auxílio do Instituto de Pesquisas Educacionais da Secretaria Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal, a autora enfatiza a “[...] importância do fator maturidade na promoção da primeira série, amplamente comprovada pelos estudos relacionados ao Teste ABC” (MARINHO, 1967, p. 211).

Desse modo, Heloísa Marinho defende um currículo baseado na “atividade criadora”, que, conforme seu entendimento, “[...] supera em valor educativo os exercícios formais do Jardim de Infância tradicional” (MARINHO, 1967, p. 219). Propondo uma crítica aos Jardins de Infância do início do século vinte, cujo trabalho educativo da jardineira se limitaria, com auxílio de materiais sensoriais, à comparação de formas, tamanhos etc., e a ação das crianças à obediência das instruções da mestra, a autora ressalta que, no Jardim de Infância de “hoje”, a professora deveria incentivar a “evolução natural”, cabendo à criança “[...] a iniciativa de organizar a sua própria atividade criadora” (MARINHO, 1967, p. 219).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os reformadores da Escola Nova brasileira, desde a década de 1920, apropriando-se das formulações teóricas e práticas de John Dewey, passaram a questionar o modelo de formação docente ligado à pedagogia moderna, definido por Carvalho (2000) como o modelo da “caixa de utensílios”. A essa altura, a pedagogia nova ofertaria materialidade a um outro modelo de formação docente baseado em “saberes autorizados”, ligados a estudos e pesquisas experimentais e vinculados às Ciências da Educação. Modelo esse identificado por Carvalho (2000) como o da “ciência da biblioteca”.

Em observância às ideias de John Dewey, o reformador Anísio Teixeira (2007) defendeu o “bom lar” como o local mais adequado para o estudo da criança, sendo necessário assemelhar as escolas tanto “[...] quanto possível ao lar, e tão dotada quanto possível dos recursos naturais para a vida infantil” (TEIXEIRA, 2007, p. 78). A educação pré-primária, para tornar a “criança conhecida” (MONTESSORI, 1965), exigia uma mentalidade e uma atitude científica, por parte dos educadores, que resultariam em “[...] mais respeito e mais amor e mais inteligência diante da criança, que é ainda uma grande desconhecida, e, mais do que todas, a criança de menos de 6 anos” (TEIXEIRA, 2007, p. 79).

Heloísa Marinho, como intelectual ativa no movimento de educação da primeira infância e de renovação escolar, expandiu em suas obras os princípios da pedagogia nova, alegando que a “atividade criadora” deveria constituir “[...] o fundamento de toda a educação”. O currículo adaptado à evolução natural infantil e às diferenças individuais, nesse sentido, deveria integrar a instrução escolar à vida. Para tanto, a formação dos educadores infantis dependeria “[...] do tipo de educação a ser realizada”. Para haver uma educação pautada na atividade criadora das crianças seria preciso “[...] educar o magistério capaz de compreender e incentivar esta qualidade de educação” (MARINHO, 1967, p. 221).

Para a autora, a “arte de educar” só poderia ser aprendida “para a vida pela própria vida”. Exigia, portanto, conhecimentos da Psicologia, Sociologia e demais Ciências da Educação, que dão “[...] nova significação e profundidade ao exercício do magistério”, sem, no entanto, substituírem a excelência da “experiência”. Assim, fazia-se necessário elevar a nível superior a cultura e o exercício do magistério primário; pois, o melhor método de formação docente constituía em “[...] auxiliar o trabalho de uma boa professora na turma” (MARINHO, 1967, p. 221). A formação da educadora infantil não podia, dessa forma, ser ditada longe da criança. Educar no Jardim de Infância “[...] é vida que só pode ser adquirida pela própria vida” (MARINHO, 1967, p. 222).

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Modernidade pedagógica e modelos de formação docente. **São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 1, p. 111-120, 2000.

DEWEY, John. **A escola e a sociedade. A criança e o currículo**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2002.

FERNANDES, Hercília Maria. **Aprender e apreender no Jardim-Escola (Caicó, Rio Grande do Norte, 1960-1993)**. Natal-RN: UFRN, 2018, 367f. (Tese de Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

FROEBEL, Friedrich Wilhelm August. **Pedagogics of the kindergarten**. Translated by Josephine Jarvis. New York: Appleton, 1897.

HAMAIDE, Amélie. **O método Decroly**. Prefácio Édouard Claparède. Trad. Alcina Tavares Guerra. 2. ed. aum. P. BRIGUIET & C.^a – Editores: Rio de Janeiro-RJ, 1934.

LEITE FILHO, Aristeo G. **História da educação infantil** – Heloisa Marinho, uma tradição esquecida. Petrópolis, RJ: De Petrus, 2011.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Introdução. In: MARINHO, Heloísa. **Vida e educação no jardim de infância**. Programa de Atividades. 3. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1967, p. 13-15.

MARINHO, Heloísa. **A linguagem na idade pré-escolar**. Ministério da Educação e Cultura. Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1955.

_____. **Currículo por atividades: jardim de infância e escolas de 1º Grau**. Rio de Janeiro: Editora Papelaria América, 1980.

_____. **Vida e educação no jardim de infância**. Programa de Atividades. 3. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1967.

MONTESSORI, Maria Tecla Artemesia. **Pedagogia científica: a descoberta da criança**. Tradução Aury Azélio Brunetti. São Paulo: Editora Flambuyant, 1965.

SIQUEIRA, Juracy. Prefácio da 3ª edição. In: MARINHO, Heloísa. **Vida e educação no jardim de infância**. Programa de Atividades. 3. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1967, p. 7-11.

TEIXEIRA, Anísio Spínola. A educação pré-escolar. In: _____. **Educação para a democracia: introdução à administração educacional**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007. (Coleção Anísio Teixeira, v. 4).

_____. **Educação no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

_____. Apresentação. In: MARINHO, Heloísa. **A linguagem na idade pré-escolar**. Ministério da Educação e Cultura. Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1955.

VALDEMARIN, Vera Tereza. **História dos métodos e matérias de ensino: a escola nova e seus modos de uso**. São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção Biblioteca básica da história da educação brasileira, v. 6).

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 33, p. 9-47, jun. 2001.